

# DISCURSO JORNALÍSTICO E A SUPOSTA IMPARCIALIDADE: OS MODOS DE APROPRIAÇÃO DO DISCURSO DE OUTREM COMO INDICATIVOS DE POSICIONAMENTOS IDEOLÓGICOS

André Cordeiro dos SANTOS\*  
Siane Gois Cavalcanti RODRIGUES\*\*

- RESUMO: Tomando parte na discussão que há no campo da teoria do jornalismo sobre a objetividade e a subjetividade, e falando do lugar da linguagem, neste trabalho, propomos que os modos de apropriação do discurso de outrem podem ser um meio à resolução desse impasse, pois levantamos a hipótese de que eles evidenciam posicionamentos sócio-ideológicos do sujeito-jornalista em relação ao objeto de enunciação. Para tanto, partimos da concepção de linguagem do chamado Círculo de Bakhtin e tomamos notícias dos dois jornais mais lidos do estado de Pernambuco, Diário de Pernambuco e Jornal do Commercio, respectivamente, sobre Eduardo Campos, candidato à presidência do Brasil em 2014. As análises feitas mostraram que os modos de apropriação do discurso de outrem podem servir a efeitos de sentidos diversos entre si e que, quando da apropriação do discurso de outrem, o sujeito-jornalista não cede lugar ao outro, mas, sim, fala junto com ele, evidenciando posicionamentos ideológicos por meio das notícias.
- PALAVRAS-CHAVE: Discurso jornalístico. Apropriação do discurso de outrem. Posicionamentos sócio-ideológicos.

## Introdução

Sabemos que devido à globalização e, conseqüentemente, a necessidade, cada vez maior, de acesso a informações, as mídias têm grande importância na sociedade atual, chegando ao ponto de serem chamadas de quarto poder – que teriam a função de regular os outros três: o legislativo, o executivo e o judiciário. Esse *status* das mídias decorre da suposta condição de isenção, do fato de ocuparem o lugar privilegiado de democratização de informações e do fato de terem o poder de “conscientização”

---

\* Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Faculdade de Letras, Maceió – AL – Brasil. Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. rdnao@hotmail.com.

\*\* Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Centro de Arte e Comunicação, Recife – PE – Brasil. Professora Associada do Departamento de Letras. sianegois@yahoo.com.br.

e “mobilização” da população em relação aos acontecimentos sócio-políticos de relevância da sociedade (COUTINHO, 2013).

Dessa forma, o conceito clássico de jornalismo, principal expoente das mídias, é apresentado por Lage (2014, p. 24), a fim de discutir a sua natureza subjetiva, como sendo uma atividade ética na qual o jornalista deve ser fiel aos fatos; portanto, seria uma atividade isenta de subjetividade, que busca não causar danos, com erros ou inadequações na reportagem dos fatos.

No entanto, mesmo sendo o conceito que dá sustentação ao *status* de quarto poder, dentro da própria área de estudos da comunicação social, há um grande impasse no que se refere a essa suposta condição de isenção das mídias. É o que podemos depreender, por exemplo, das palavras a seguir, de Alsina (2009, p. 111), ao falar da construção da notícia. Para o autor

1. Os acontecimentos são gerados através de fenômenos que são externos para o sujeito.
2. Mas os acontecimentos não fazem sentido longe dos sujeitos, pois são eles os que lhes conferem sentido.
3. Os fenômenos externos que o sujeito percebe tornam-se acontecimento por causa da ação deste sobre aqueles. Os acontecimentos se compõem das características dos elementos externos nos quais o sujeito aplica seu conhecimento.

A partir do que Alsina postula, podemos perceber que a relação entre linguagem jornalística e subjetividade fica evidente, não havendo como dissociar esses elementos sem prejuízos à construção de sentido, já que a subjetividade do sujeito enunciativo (do jornalista) é parte constituinte e determinante desse sentido.

Vemos, dessa forma, que, tendo quem defenda que o jornalismo é uma prática isenta de valorações e quem defenda que é uma prática indissociável da subjetividade, há um embate que se põe dentro da teoria do jornalismo.

Tomando partido nessa discussão, propomos abordá-la pelo viés discursivo, apoiando-nos nos preceitos teóricos do chamado Círculo de Bakhtin – grupo de estudiosos russos, composto por Bakhtin, Volochinov, Medviédév, entre outros. A opção por essa abordagem se deve ao fato de Bakhtin e Volochinov (2006, p. 109) defenderem que “Toda enunciação efetiva, seja qual for a sua forma, contém sempre, com maior ou menor nitidez, a indicação de um acordo ou de um desacordo com alguma coisa.” Assim, sendo o jornalismo uma prática discursiva que se materializa em linguagem, ele não pode se isentar desse momento valorativo que é próprio da enunciação.

Diante disso, temos, neste artigo, como objetivo *investigar a relação sujeito(jornalista)-objeto de enunciação, por meio dos modos de apropriação dos discursos de outrem em notícias sobre Eduardo Campos de dois jornais pernambucanos mais lidos – Diário de Pernambuco (doravante DP) e Jornal do Commercio (doravante, JC).*

Para a nossa análise, tomamos uma notícia de cada jornal que trata do mesmo tema: o suposto envolvimento do nome de Eduardo Campos em esquemas de corrupção da Petrobras por meio de delação premiada. Na nossa análise, em um primeiro momento, analisamos o modo de apropriação do discurso do delator pelo DP e a imagem que se avulta do político dessa notícia e, em seguida, fazemos essa mesma análise na notícia do JC. Por fim, comparamos os posicionamentos que se evidenciam nas duas notícias.

Dito isso, passemos à discussão dos elementos teóricos que dão sustentação à nossa análise.

## **Concepção dialógica de linguagem e apropriação do discurso de outrem**

Para o desenvolvimento da análise, buscando cumprir o objetivo supracitado, como já indiciado nas partes precedentes, partimos do entendimento do que é linguagem do Círculo de Bakhtin), que é essencialmente social-dialógica (BAKHTIN, 1998, 2010, 2011a, 2011b; BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2006; VOLOCHINOV, 2013a, 2013b; MEDVIÉDEV, 2012). Nessa concepção de linguagem, todas as relações sócio-discursivas são, e carregam, reflexos e refrações<sup>1</sup> do ambiente social no qual elas se dão, o que determina os enunciados, que são as unidades da interação verbal, no entender dos estudiosos do Círculo, em todas as suas dimensões.

Na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, essa perspectiva de linguagem é apresentada/defendida por Bakhtin e Volochinov (2006) a partir das críticas tecidas às duas correntes linguístico-filosóficas da época (início do século XX) – *Subjetivismo Idealista* (que colocava o foco dos estudos da linguagem nas questões psíquico-individuais) e o *Objetivismo Abstrato* (que contemplava apenas o sistema). Segundo o autor, a linguagem é social em todas as suas dimensões; sendo assim, percebe-se que: há o entendimento de que o sistema de signos, por si só, não dá conta da realidade dos fenômenos linguísticos; que a língua é entendida como um fenômeno em processo e que esse processo se efetiva pela interação; que as leis da evolução da linguística são sociológicas; que a criatividade de uma língua está ligada aos valores ideológicos e essa criatividade é originada de uma necessidade social; e que a enunciação é puramente social/ideológica.

É por isso que, para os integrantes do Círculo, os *gêneros do discurso*, nas palavras de Bakhtin (2011a), são característicos dos domínios discursivos e surgem da necessidade desses grupos de realizarem determinadas práticas sócio-discursivas. Por conseguinte, essas formas de linguagem originam-se de um diálogo com as suas instâncias de discurso e carregam especificidades que dizem respeito direto à sua *esfera discursiva* de origem.

Esse entendimento perpassa toda a obra do Círculo. Volochinov (2013b), por exemplo, no ensaio *A construção da enunciação*, ao tratar a enunciação, concebe-a como sendo constituída de duas partes, uma **verbal** e uma **extra verbal**. A parte **verbal** corresponde à *entonação*, à *seleção de palavras* e à sua *disposição no interior*

do enunciado (VOLOCHINOV, 2013b, p. 174); a parte **extra verbal** corresponde à *situação* (que engloba o espaço e tempo, o objeto ou tema e a atitude dos falantes face ao que ocorre (VOLOCHINOV, 2013b, p. 172)) e o *auditório* (VOLOCHINOV, 2013b).

Esse reconhecimento faz com que as questões além do sistema entrem em jogo na busca da compreensão dos fenômenos da linguagem, e é nesse sentido que Bakhtin (1998, p. 86) defende que, sendo a linguagem ideológica, no enunciado (*discurso*)<sup>2</sup> há sempre a interação de vozes, ou seja, “ele (o discurso) entrelaça com eles (discursos outros) em interações complexas, fundindo-se com uns, isolando-se de outros, cruzando com terceiros”.

Por isso, os membros do Círculo defendem que, quando se adota o enunciado como unidade da comunicação verbal, não há como deixar de lado a natureza dialógica (sobretudo o *diálogo entre vozes*) da constituição dos dizeres e, mais que isso, para Bakhtin e Volochinov (2006, p. 149, grifo do autor)

O estudo fecundo do diálogo pressupõe [...] uma investigação mais profunda das formas usadas na citação do discurso, uma vez que essas formas refletem tendências básicas e constantes da *recepção ativa do discurso de outrem*, e é essa recepção, afinal, que é fundamental também para o diálogo.

Desse modo, os fenômenos da linguagem devem ser vistos sempre como resultado de uma apropriação, por um sujeito, de um sistema linguístico, e de *vozes de outrem*, em dada instância de discurso e com uma entonação expressiva desse sujeito em relação ao que se enuncia. Além disso, há de se considerar que o enunciado se constrói como reflexo e refração de dizeres anteriores. No que se refere a essa entonação expressiva – característica do *ponto de vista* –, ela é determinada de maneira dialógica, a partir da consideração de diferentes fatores, vozes, interlocutores, ideologias, fatos etc., e transparece no enunciado a partir de marcas ideológicas e dialógicas.

Assim, um ponto levantado por Bakhtin e Volochinov (2006, p.151-152), e que tem importância primordial para essa discussão, é o fato de que, segundo o autor,

O objetivo verdadeiro do estudo do discurso citado deve ser a interação dinâmica dessas duas dimensões, o discurso transmitido e aquele que serve para transmiti-lo. Na verdade, eles só têm existência real, só se formam e vivem através dessa inter-relação, e não de maneira isolada [...] Essa dinâmica, por sua vez, reflete a dinâmica da inter-relação social dos indivíduos na comunicação ideológica verbal.

Ainda sobre o que se refere às diferentes orientações do discurso citado, Bakhtin e Volochinov (2006) distingue dois tipos: o *estilo linear* e o *estilo pictórico*. O primeiro tem como tendência principal a criação de contornos exteriores nítidos à volta do discurso citado, correspondendo a uma menor suscetibilidade ao fator individual-

composicional interno, ou seja, esse estilo de apropriação está menos sujeito a inserções do enunciador, muito embora estas não se anulem (característico do discurso direto e indireto marcado). Na segunda orientação, há a tendência de atenuar os contornos exteriores nítidos das palavras de outrem, permitindo ao autor infiltrar suas réplicas e seus comentários (característico do discurso indireto sem sujeito aparente e do discurso indireto livre).

Esses *estilos*, segundo Bakhtin e Volochinov (2006), impõem ao enunciado efeitos de sentidos específicos e diversos entre si. Por isso, acreditamos que investigar suas presenças e os efeitos de sentidos que eles trazem aos textos jornalísticos, evidenciando *a relação entre sujeito-jornalista e objeto de enunciação* é relevante para lançar luz à problemática da área da comunicação social.

Dito isso, na seção seguinte, precisamos situar a discussão que se refere à área específica da comunicação social – o jornalismo. Passemos a essa discussão.

### **Em busca de uma teoria do jornalismo: a teoria unionista de Sousa (2002)**

Há uma grande problemática no que se refere à Teoria do jornalismo, pois, como afirmam Sousa (2002) e Rublescki (2010), não há um consenso a esse respeito. O que há são diferentes teorias que se propõem a Teoria do jornalismo. Sabendo disso, nesta seção, apresentamos a teoria unionista do jornalismo de Sousa (2002) que, frente às diferentes perspectivas/teorias, propõe uma perspectiva/teoria que nasce dos pontos de interseção entre elas. No entanto, precisamos antes situar a discussão em torno da tentativa de instituição dessa teoria e apresentar as diferentes teorias existentes.

O ponto de partida dos estudiosos da área, visando instituir uma teoria satisfatória e amplamente aceita do jornalismo, tem sido as práticas sócio-linguístico-discursivas do domínio em questão: o jornalístico. A busca por essa consolidação de uma teoria científica do jornalismo é algo almejado desde muito tempo por especialistas da área. Apesar disso, segundo Rublescki (2010), foi só a partir de meados da década de 1950 que houve o fortalecimento de um debate sobre o campo do jornalismo visando à consolidação dessa teoria.

Diferentemente do que se poderia pensar, esse fortalecimento do debate, ao invés de consolidar uma teoria única, fez surgir diferentes correntes, em alguns casos antagônicas, que buscaram respostas para as seguintes perguntas: “Por que as notícias são como são?” e “Como circulam, são recepcionadas e quais efeitos geram as notícias?” (RUBLESCKI, 2010, p. 2).

A partir dessas perguntas, apontadas pela autora, que guiaram (e ainda guiam) o debate por uma teoria do jornalismo, percebemos que a notícia (o *dizer* jornalístico) tem lugar central na construção de uma teoria do jornalismo. O que a autora diz, também, corrobora a ideia de Sousa (2002, p. 2), estudioso da área do jornalismo e que busca a consolidação de uma teoria do jornalismo, que defende que

Uma teoria científica tem de delimitar conceptualmente os fenómenos que explica ou prevê. A teoria do jornalismo deve ser vista essencialmente como uma teoria da notícia, já que a notícia é o resultado pretendido do processo jornalístico de produção de informação. Dito por outras palavras, a notícia é o fenómeno que deve ser explicado e previsto pela teoria do jornalismo e, portanto, qualquer teoria do jornalismo deve esforçar-se por delimitar o conceito de notícia.

A partir desse excerto, mais uma vez, vemos que a notícia é ponto de partida para a discussão e consolidação da teoria do jornalismo. E com o objetivo de formular uma proposição-síntese, visando a uma única teoria do jornalismo, esse é o ponto de partida de Sousa (2002): a notícia.

É importante, todavia, ressaltar que o conceito de notícia no excerto acima está posto numa acepção ampla, enquanto *dizer* jornalístico, pois, para o autor, a notícia pode ser entendida em duas dimensões: em uma dimensão “táctica” e em uma dimensão “estratégica”. Nas palavras do autor,

A dimensão táctica esgota-se na teoria dos géneros jornalísticos. Nessa dimensão, distingue-se notícia de outros géneros, como a entrevista ou a reportagem. Todavia, a dimensão estratégica encara a notícia como todo o enunciado jornalístico. (SOUZA, 2002, p. 2-3).

Na visão do autor, o que importa à teoria do jornalismo é a notícia na acepção “estratégica” e, por isso, ela servirá de base para as reflexões dele apresentadas a seguir. Para Sousa (2002), as questões norteadoras para a construção da teoria do jornalismo (similares às apresentadas por Rublescki (2010)) se concentram em dois eixos: um diz respeito à produção das notícias; outro, à circulação e ao consumo das notícias, aos efeitos causados por elas. Pensando assim, o autor diz que “[...] uma teoria científica do jornalismo deve procurar integrar diversos fenómenos do campo jornalístico, enfatizando o resultado do processo de produção do jornalismo, a notícia.” (SOUZA, 2002, p. 2). Pois, para ele

[...] uma notícia é um artefacto linguístico que representa determinados aspectos da realidade, resulta de um processo de construção onde interagem factores de natureza pessoal, social, ideológica, histórica e do meio físico e tecnológico, é difundida por meios jornalísticos e comporta informação com sentido compreensível num determinado momento histórico e num determinado meio sócio-cultural, embora a atribuição última de sentido dependa do consumidor da notícia. (SOUZA, 2002, p. 03).

Esse modo de pensar a notícia está em sintonia com a natureza dialógica da linguagem defendida por Bakhtin, pois Sousa vê a notícia, que é enunciado e linguagem, como um constructo no qual diferentes fatores são levados em consideração em sua construção.

A partir disso, para firmar as bases de sua proposta de unificação da teoria do jornalismo, o autor (SOUSA, 2002, p.4-6) apresenta as diversas perspectivas da teoria do jornalismo, apresentadas por nós de forma sintetizada abaixo. Segundo o autor, tomando a notícia (na dimensão “estratégica”) como ponto de partida, existem as seguintes teorias com suas “diversas” concepções de notícia:

- **Teorias do espelho** – nesta teoria, as notícias são vistas como espelho da realidade.
- **Teoria da ação pessoal**– Nesta *démarche*, as notícias são vistas como resultado da seleção dos acontecimentos pautadas nas opções particulares do jornalista.
- **Teoria organizacional** – Nesta perspectiva, as “[...] notícias são o resultado das condicionantes organizacionais em que são fabricadas, como as hierarquias, as formas de socialização e aculturação dos jornalistas etc.” (SOUSA, 2002, p. 04).
- **Teoria da ação política** – Esta teoria prega que as notícias são fruto da distorção da realidade, devido à sujeição do jornalista a determinados controles ideológicos.
- **Teoria estruturalista** – As notícias são vistas como “[...] um produto socialmente construído, que reproduz a ideologia dominante e legitima o *statu quo* [...]” (SOUSA, 2002, p. 05).
- **Teoria construcionista** – Entende que as notícias são vistas como artefatos que resultam de um processo de construção linguístico, organizacional, cultural e social, que fazem parte da realidade que ajudam a construir e a reconstruir.
- **Teoria interacionista** – Nessa perspectiva, a notícia resulta de um processo de percepção, seleção e transformação de acontecimentos em notícias, por um corpo de profissionais que compartilham uma mesma cultura, sob a pressão do tempo.

A respeito dessas teorias, Sousa (2002, p. 6) diz que é possível perceber que essas diferentes perspectivas possuem “[...] pontes, pontos de contato e explicações comuns”, o que justifica, segundo o autor, sua proposta “unionista”.

Além disso, o autor apoia-se, em face também da justificativa de sua proposta, no que ele apontou como segundo eixo norteador para a construção da teoria do jornalismo: *a circulação e consumo das notícias, os efeitos causados por elas*. Para o autor (SOUSA, 2002), as notícias podem produzir, no seu público, três tipos de efeitos: cognitivos, afetivos e comportamentais. Os efeitos cognitivos referem-se à capacidade de moldar a percepção dos sujeitos receptores da realidade. Os efeitos “afetivos” dizem respeito à capacidade de provocar emoções e sentimentos, mesmo quando são dirigidas à razão.

Os efeitos comportamentais competem à capacidade de poder atuar no comportamento da pessoa, ativando ou não comportamentos.

Expostas as bases norteadoras dos dois eixos necessários à construção da teoria da notícia, ou do jornalismo, o autor lança sua proposta unionista. Para Sousa (2002, p.9-10),

A notícia é o resultado da interação simultaneamente histórica e presente de forças de matriz pessoal, social (organizacional e extra-organizacional), ideológica, cultural, do meio físico e dos dispositivos tecnológicos, tendo efeitos cognitivos, afectivos e comportamentais sobre as pessoas, o que por sua vez produz efeitos de mudança ou permanência e de formação de referências sobre as sociedades, as culturas e as civilizações.

Essa definição do autor se aplica ao jornalismo, que se mostra como um campo do conhecimento humano no qual diferentes fatores de ordens diversas interagem na construção de uma prática sócio-discursiva de grande importância na sociedade atual. Ou seja, é um campo do conhecimento humano de natureza dialógica; é um produto originado da interação de diferentes forças: um produto dialógico.

Expostas as questões de ordem teórica que dão sustentação à nossa análise, na seção seguinte, analisamos as duas notícias, uma do DP e outra do JC, sobre o suposto envolvimento de Eduardo Campos nos escândalos de corrupção da Petrobras, por meio de delação premiada de Alberto Youssef.

### **Análises dos eventos discursivos jornalísticos**

Nesta seção, detemo-nos a notícias que foram publicadas sete meses após a morte de Campos. As notícias de ambos os jornais narram o mesmo fato: o envolvimento, denunciado por um delator, do nome de Campos em escândalos de corrupção da Petrobras. Ou seja, em processo de investigação de corrupção na Petrobras (conhecido como operação “Lava Jato”), o doleiro Alberto Youssef, por meio de acordo de delação premiada, declarou que Campos teria sido beneficiado por esquemas de corrupção envolvendo empreiteiras que prestaram serviço à Petrobras.

Dessa forma, por meio das notícias, iremos analisar os modos de apropriação dos discursos de outrem, a própria organização textual e rastrear termos que demonstram posicionamento avaliativo frente a Eduardo Campos.

Como neste caso as duas notícias narram o mesmo acontecimento, analisamos, também, como o modo que cada jornal noticia o fato é indicativo de posições sócio-político-ideológicas diferentes entre si. Iniciemos a análise.

## Sobre a notícia do DP

Sabendo da importância do título como chamariz ao público-alvo e, mais que isso, como indicativo do posicionamento sócio-político-ideológico do jornal, percebemos que a DP-3 narra o fato, utilizando, já no título, o estilo linear de apropriação do discurso de outrem, sob a forma indireta. Ao fazer isso, o sujeito-jornalista acaba por tornar o discurso do delator Alberto Youssef mais suscetível a inserções suas (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2006). Veja-se:

**Figura 1** – Título da notícia do DP

Youssef afirma que Eduardo Campos recebeu R\$ 10 milhões de propina pagos por empreiteiras

Fonte: (YOUSSEF..., 2015).

No título, o sujeito-jornalista utiliza o discurso de Youssef para dizer que Campos **recebeu** dez milhões em propina pagos por empreiteiras envolvidas em escândalos de corrupção. Ao usar o verbo “receber” na forma do pretérito perfeito do indicativo, levando em consideração que o sujeito-jornalista usa a forma indireta do estilo linear de apropriação do discurso de outrem, o jornal pode estar dando indícios de um posicionamento frente à declaração do delator, pois abre mão de recursos que aumentariam sua suposta isenção frente ao dito, como, por exemplo, o uso da forma verbal **teria recebido** (futuro do pretérito mais participípio). Esse modo de tomar o discurso de outrem pode ser indicativo de um posicionamento em relação ao fato noticiado e, conseqüentemente, a Eduardo Campos, pois o sujeito parece tomar o discurso de Youssef na condição de verdade, o que pode ser indicativo de que ele assume uma posição valorativa implícita (BAKHTIN; VOLOVHINOV, 2006; BAKHTIN, 2010).

Além disso, esse modo de tomar a declaração de Youssef também é sugestivo de uma interação entre o dizer do jornalista e do delator (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2006), pois o jornalista não fez uso de artifícios que supostamente aumentariam a sua isenção em relação a *voz de outrem* tomada à composição do enunciado jornalístico. Dentre esses artifícios, o DP poderia ter feito uso da forma direta do discurso de outrem, do uso de aspas, ou de algum modo verbal que dariam maior espaço à dúvida quanto à veracidade das informações, já que se tratava de uma declaração que precisaria ser comprovada antes de ser tomada como verdade.

No que se refere à estrutura composicional, essa notícia não traz *lead*. Logo depois do título, há a presença de uma imagem que, junto ao título, pode ser indicativa de um posicionamento sócio-político-ideológico (como ficará mais evidente quando for comparada com a imagem da JC-3). Veja-se:

**Figura 2** – Imagem da notícia do DP



**Fonte:** (YOUSSEF..., 2015).

Embora nossa pesquisa não se detenha à análise da dimensão verbo-visual das notícias, essa imagem, indo na mesma linha do que é sugerido no título, passa a impressão de esperteza, de alguém que está contente frente a algo e, dados os indícios do título, de alguém que está contente por estar tendo vantagens com alguma coisa. No caso, a vantagem seria o fato de supostamente ter sido beneficiado pelo recebimento de dez milhões dos esquemas de corrupção da Petrobras. É dessa forma que a imagem selecionada pelo sujeito-jornalista é sugestiva de uma ratificação do que Youssef disse.

Logo depois da imagem de Campos, o sujeito-jornalista dá seguimento à notícia, ainda tomando o discurso de Youssef. Veja-se:

**Figura 3** – Excerto um da notícia do DP

O doleiro Alberto Yousseff afirmou em depoimento da delação na Operação Lava-Jato que o ex-governador de Pernambuco, Eduardo Campos (PSB) - morto em acidente aéreo em agosto do ano passado - recebeu entre 2010 e 2011 R\$ 10 milhões de propina por meio de contrato com a Conest. Formado pelas empreiteiras Odebrecht e OAS, o consórcio era responsável pela execução de obras da Refinaria de Abreu e Lima. Ainda de acordo com Yousseff, a propina destinada a Eduardo Campos ocorreu para o governo de Pernambuco não criar dificuldades nas obras.

**Fonte:** (YOUSSEF..., 2015).

O excerto supracitado traz o discurso do delator para mostrar as circunstâncias nas quais Campos teria se beneficiado com o recebimento de propina. Como se trata de uma acusação, o sujeito-jornalista tem o cuidado de usar sempre o nome do doleiro como artifício à manutenção de sua suposta isenção, ou seja, usa o estilo linear de apropriação do discurso de outrem (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2006). No entanto, no excerto, similarmente ao título, o discurso do delator é posto na forma indireta, e o envolvimento de Campos é anunciado novamente com o uso verbo “receber” no pretérito perfeito do indicativo e, dado que seria possível utilizar mecanismos que aumentariam a isenção

frente ao discurso de Youssef, isso pode ser sugestivo de um posicionamento frente ao fato. Indicia-se, assim, mais uma vez, um posicionamento frente a Eduardo Campos: um posicionamento opositivo (e, indiretamente, “acusativo”).

Além do suposto envolvimento de Campos no esquema, o sujeito-jornalista também menciona o suposto envolvimento de Eduardo da Fonte, Ciro Gomes e Sérgio Guerra, mas o faz dando pouco destaque ao fato. O foco principal da notícia é Campos. Essa seleção dos pontos e o pouco enfoque ao envolvimento de outros políticos no esquema também é indicativo de um projeto discursivo que revela um posicionamento em relação a Campos (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2006; BAKHTIN, 2011b). Veja-se:

**Figura 4** – Excerto dois da notícia do DP

O doleiro também afirma que o deputado federal pernambucano Eduardo da Fonte (PP) e o senador Ciro Nogueira (PP-PI) receberam entre 2010 e 2011 propinas de valores ainda não determinados pagas pela construtora Queiroz Galvão em contrato para implantação de tubovias em Abreu e Lima. O contrato referente a este serviço é da ordem de R\$ 2,7 bilhões. O ex-presidente do PSDB, o pernambucano Sérgio Guerra também teria sido um dos beneficiários pela propina paga pela Queiroz Galvão. O tucano recebeu, de acordo com Youssef, parte dos R\$ 10 milhões destinados para impedir a realização da CPI da Petrobras.

Ao custo de R\$ 18,5 bilhões a Refinaria de Abreu e Lima é a obra mais cara em curso no Brasil.

Fonte: (YOUSSEF..., 2015).

Apesar de mencionar o envolvimento dos políticos supracitados, o foco da notícia é, sobretudo, o suposto envolvimento de Campos.

Depois de tomar o discurso de Alberto Youssef, o sujeito-jornalista traz o discurso da família de Campos, que se posicionou em relação às declarações. Ao fazer isso, o jornal usa o estilo linear de apropriação do discurso de outrem (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2006), na forma direta, marcado por aspas. Veja-se:

**Figura 5** – Excerto três da notícia do DP

**PSB e família Campos negam**

Em nota divulgada pelo jornal *Folha de S.Paulo*, a família de Eduardo Campos e o PSB afirmam repelir “veementemente a tentativa de envolver um a pessoa que não está mais aqui para se defender”. A nota afirma ainda que “todo mundo sabe” que a Petrobras é a responsável pela execução da obra “com contratos feitos pela diretoria da empresa, sem conexão alguma com o governo de Pernambuco”.

O deputado Eduardo da Fonte (PP) afirmou desconhecer os fatos citados por Youssef e confiar na Justiça. O PSDB, partido do ex-senador Sérgio Guerra, disse que mantém sua posição “em defesa das investigações da Lava-Jato”, e espera que os responsáveis pelo desvio bilionário de recursos da Petrobras sejam identificados e punidos.

Fonte: (YOUSSEF..., 2015).

O uso das aspas para marcar trecho do discurso de outrem, da família de Eduardo Campos, em meio ao discurso indireto é indicativo de um posicionamento frente a

esse dito (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2006). Ou seja, o uso do modo pictórico de apropriação do discurso de outrem (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2006), com trechos delimitado entre aspas, no excerto acima, pode ser indicativo de que o sujeito-jornalista não compactua da opinião da família de Campos.

Assim, esse modo de tomar o discurso da família de Campos pode ser indicativo, ainda que de forma velada, de que o sujeito-jornalista acredita que a trajetória de Eduardo Campos possa ter sido marcada também por esquemas de corrupção. Essa construção discursiva da notícia do DP mostra que forças de ordens diversas corroboram a composição da notícia (SOUSA, 2002): os escândalos de corrupção interferem na constituição da imagem de Eduardo Campos nesse período.

O sujeito-jornalista também traz discursos em defesa de Eduardo da Fonte e de Sérgio Guerra, mas, novamente, é dado pouco enfoque aos que se referem a esses políticos.

Dessa forma, percebe-se que o modo como essas vozes de outrem foram tomadas à tessitura da notícia do DP é indicativo do projeto discursivo (BAKHTIN, 2011b) que reflete e refrata um posicionamento de oposição a Campos, comprovando, mais uma vez, que todo enunciado traz a indicação de um acordo ou desacordo com alguma coisa (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2006).

Analisada a imagem constituída de Campos na notícia do DP, passemos à análise da imagem da notícia do JC, para, em seguida, compará-las.

### **Sobre a notícia do JC**

A notícia do JC relata o mesmo fato da notícia do DP: o envolvimento do nome de Campos no esquema de corrupção da Petrobras por Alberto Youssef. No entanto, há diferenças entre os modos de organização enunciativa e, conseqüentemente, entre os posicionamentos axiológicos evidenciados por ela, como se verá a seguir.

A notícia do JC traz o discurso de Alberto Youssef também no estilo linear (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2006), no modo indireto, mas há, no modo de tomar esse discurso, indícios que dão espaço à dúvida quanto à veracidade das declarações do doleiro e delator. Percebemos isso já na primeira parte da notícia. Veja-se:

**Figura 6 – Título e lead da notícia do JC-3**



Fonte: (DOLEIRO..., 2015).

No título da notícia, ao usar fala de Youssef, quando se refere ao suposto recebimento de propina por Campos, ao invés de usar o verbo no pretérito perfeito do indicativo, o JC traz o discurso de outrem recorrendo ao uso da locução verbal **teria recebido** (futuro do pretérito mais participio). Esse modo verbal dá maior espaço à dúvida quanto à veracidade da informação do depoimento do doleiro, pois deixa implícita a ideia de que as informações contidas na delação precisam ser comprovadas. Esse artifício também é utilizado no *lead* da notícia. Tais escolhas linguísticas revelam claramente que o posicionamento do JC em relação ao discurso de outrem e ao fato noticiado é de natureza diferente daquele observado na notícia do DP (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2006).

Similarmente à notícia do DP, a do JC também traz uma imagem em sua composição, que, ao invés de passar a impressão de esperteza, de contentamento frente a algo, sugerindo que Campos poderia ter sido realmente beneficiado, o traz com um semblante de preocupação, o que pode também ser indicativo de um posicionamento sócio-político-ideológico diverso do indiciado no DP. Veja a imagem a seguir:

**Figura 7** – Imagem da notícia do JC notícia do JC



**Fonte:** (DOLEIRO..., 2015).

Logo após à imagem, o discurso de Youssef continua sendo tomado à composição textual, mas o enfoque que é dado ao envolvimento de Eduardo Campos no esquema de corrupção não é o mesmo que a DP. Utilizando o estilo linear de apropriação do discurso de Youssef, na forma indireta, o JC coloca todos os políticos citados nas declarações do delator em plano aparentemente similares. Esse modo de trazer o discurso do doleiro sobre Campos, colocando o político junto a outros políticos, põe o suposto envolvimento dos políticos próximos a um mesmo patamar, não passando a ideia de que o envolvimento de Eduardo Campos tenha sido muito mais sério que o dos outros, embora o título da notícia foque unicamente em Campos. Veja-se isso no excerto a seguir:

**Figura 8** – Excerto um da notícia do JC

O doleiro Alberto Youssef, uma das peças-chave mais emblemáticas da Operação Lava Jato, que investiga esquemas de desvio de dinheiro na Petrobras, afirmou em depoimentos de delação premiada que o ex-governador de Pernambuco Eduardo Campos (PSB), morto em um desastre aéreo ano passado, o ex-presidente do PSDB Sérgio Guerra, que morreu em 2014, e o deputado Eduardo da Fonte (PP-PE) teriam recebido propina em contratos das obras da refinaria Abreu e Lima. O doleiro detalhou dois casos específicos, nos quais mais de R\$ 40 milhões foram movimentados para, entre outras medidas, impedir a criação de uma CPI envolvendo a estatal. As informações foram divulgadas pelo jornal Folha de S. Paulo.

Fonte: (DOLEIRO..., 2015).

Há de se observar que, ao trazer o discurso do doleiro sobre o envolvimento dos políticos, no estilo linear na forma indireta (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2006), o sujeito-jornalista, mais uma vez, utiliza o futuro do pretérito mais participípio (**teriam recebido**) para indicar o recebimento de propina, novamente, dando maior espaço à dúvida quanto à declaração. Esse artifício, que supostamente daria conta de conferir uma maior isenção do sujeito-jornalista frente ao fato, é indicativo de um posicionamento frente ao fato (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2006), não abertamente opositivo.

Nos trechos seguintes, o JC destrincha a informação do excerto anterior, colocando o envolvimento de Campos em um parágrafo e o dos outros políticos em outro.

**Figura 9** – Excerto dois da notícia do JC

Em seu depoimento, o doleiro afirma que Eduardo Campos teria recebido, entre 2010 e 2011, R\$ 10 milhões de propina das empreiteiras Odebrecht e OAS para a instalação de unidades de processamento em Abreu e Lima. Eduardo Campos teria recebido o montante para evitar dificuldades no andamento das negociações.

O total da propina foi de R\$ 30 milhões, valor dividido entre o ex-governador, Paulo Roberto Costa e o PP. A propina teria sido entregue a Eduardo Campos no Recife.

Fonte: (DOLEIRO..., 2015).

O discurso que é tomado no excerto acima evidencia um enfoque maior ao suposto beneficiamento de Eduardo no recebimento de propina, contrariando a suposta igualdade entre o envolvimento dos políticos do excerto anterior. Mas, apesar disso, é notório que o modo de trazer o discurso de Youssef, no JC, ainda que no mesmo modo que a DP – estilo linear no modo indireto (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2006) –, evidencia uma posição menos opositiva a Campos que a notícia do DP, caracterizando posicionamentos diferentes dos dois jornais.

Os dois excertos a seguir se detêm à suposta participação de outros políticos nos esquemas de recebimento de propina de empreiteiras que assinaram contratos e prestação de serviço com a Petrobras. Vejam-se:

**Figura 10** – Excerto três da notícia do JC

<p>Além dos políticos pernambucanos, o delator também envolveu em seus depoimentos o senador Ciro Nogueira (PP-PI), e o ex-diretor de abastecimento da Petrobras Paulo Roberto Costa, que está preso. Youssef afirmou que Nogueira e Fonte teriam, entre 2010 e 2011, recebido propina da construtora Queiroz Galvão para formalizar um contrato para implantação de tubovias na refinaria Abreu e Lima. Na época, tanto a Queiroz Galvão quanto a lesa assinaram contrato no valor de R\$ 2,7 bilhões para a implantação das tubovias.</p>	<p>na Lava Jato e CGU</p> <hr/> <p>STJ nega pedido de liberdade de empresário preso na Lava Jato</p> <hr/> <p>Advogados têm até quarta-feira para pedir transferência de presos na Lava Jato</p>
---	--

Fonte: (DOLEIRO..., 2015).

Nesse excerto, o discurso de Youssef é tomado para falar do suposto envolvimento de outros políticos nos esquemas de corrupção. No excerto a seguir, o foco continua sendo a citação do nome de outras pessoas nos esquemas de corrupção da Petrobras.

**Figura 11** - Excerto quatro da notícia do JC

<p>O contrato teria sido assinado no Rio de Janeiro, na presença de um representante da Queiroz Galvão, Paulo Roberto Costa, o ex-presidente do PP, José Janene, morto em 2010, o ex-assessor do PP João Genu e o próprio Youssef. Na negociação, a empreiteira foi pressionada para dar celeridade aos processos, sob a ameaça de que fosse criada uma CPI da Petrobras, à época estimulada pela oposição.</p> <p>O operador do esquema foi Fernando Soares, também preso pela Lava Jato. Parte da propina foi paga em doações oficiais aos políticos e a outra destinada a Youssef, que repassou para Ciro Nogueira e Eduardo da Fonte. Sérgio Guerra entra na história para impedir a realização de uma CPI na Estatal. Para isso, o ex-senador teria recebido R\$ 10 milhões.</p>
---

Fonte: (DOLEIRO..., 2015).

Como vemos, os dois excertos supracitados são direcionados aos envolvidos no esquema de corrupção que não Eduardo Campos.

Vemos assim, a partir da análise da notícia do JC, que, apesar da citação do seu nome nos escândalos de corrupção, Campos ganha um maior direito à dúvida acerca desse envolvimento, devido ao fato de o sujeito-jornalista ter o cuidado de usar formas verbais que dão espaço a ela. Consequentemente, temos a imagem de um político que teve o nome citado em declarações sobre corrupção, mas que, apesar disso, não se tem certeza dessa sua participação.

De posse das imagens dos dois jornais, vejamos a comparação entre elas na subseção seguinte.

## **Um olhar comparativo sobre as imagens jornalísticas de Campos do DP e JC**

A partir das análises das duas notícias, percebemos que os modos como os dois jornais trazem as declarações de Alberto Youssef sobre Eduardo Campos são diversos, apesar de ambos se darem no modo indireto do estilo linear: o DP, pelo modo de organizar, selecionar e usar os tempos verbais, revela um posicionamento sugestivo de oposição e sugestivo, também, de que o discurso do delator seria verdade; JC, pelos mesmos motivos do DP, dá espaço à dúvida, o que é sugestivo de um posicionamento opositivo mais ameno que o do DP.

Com isso, percebemos, também, que os estilos de apropriação do discurso de outrem podem ser usados, na enunciação, para causar efeitos de sentidos diferentes. Isso comprova que, mesmo quando do uso do estilo linear de apropriação do discurso de outrem, que tem contornos delimitados, na composição textual, o sujeito-jornalista sempre estará de algum modo revelando um posicionamento em relação ao objeto e à enunciação (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2006).

Outrossim, esses posicionamentos valorativos que se evidenciam nas notícias são constituídos dialogicamente na interação com diferentes instâncias enunciativas (BAKHTIN, 2011b) e com diferentes forças – fatores de natureza pessoal, social, ideológica, histórica e do meio físico e tecnológico (SOUSA, 2002). Conseqüentemente, essa valoração (dialogicamente constituída) sempre será única porque cada momento discursivo conta com instâncias também únicas e é por isso que o sujeito e o enunciado sempre se mostram como evento (BAKHTIN, 2010).

### **Considerações finais**

Nesta pesquisa, tendo em vista a grande importância que a mídia tem enquanto sistema institucionalizado de disseminação de informações e de formação de opinião pública, buscamos investigar a questão da relação entre valorações sócio-político-ideológicas e o fazer jornalístico. Para tanto, fizemos uma imersão na problemática que se põe no campo da comunicação social – o jornalístico – sobre a relação entre subjetividade-objetividade e, feito isso, optamos por abordá-la pelo viés discursivo.

A partir do trajeto traçado, podemos chegar a algumas conclusões. A primeira delas é que, sendo o jornalismo uma prática sócio-discursiva, portanto social/ideológica (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2006), seu fazer não pode se isentar de valorações sócio-ideológicas. Por consequência, na cobertura de assuntos em geral, mas, sobretudo, nos que dizem respeito a processos políticos, este estará sempre perpassado por ideologias que demonstram uma posição em relação à informação, comprovando o defendido por Bakhtin e Volochinov (2006) e Bakhtin (2010) sobre a presença de valorações do enunciator-sujeito em todos os enunciados da comunicação verbal.

Pautados nesta comprovação, também podemos concluir que os modos pelos quais o sujeito-jornalista se apropria dos discursos de outrem na composição textual das notícias são artifícios que favorecem a construção de efeitos de sentido específicos e diversos entre si (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2006). Esses modos dizem respeito ao próprio diálogo que se instaura no enunciado com as instâncias de enunciação, por meio do qual o sujeito se inscreve enquanto ser único (ainda que coletivo) no mundo. Por conseguinte, ao tomar os discursos de outrem, o enunciador nunca o faz conservando-o tal e qual ele o era no contexto de origem, ou seja, na tomada do discurso de outrem, ainda que por meio do estilo de contornos delimitados (estilo linear), o enunciador não cede espaço ao outro, mas, sim, fala junto com ele (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2006). Isso também ficou bastante evidenciado pelo uso de formas verbais que introduzem o discurso de outrem.

Por fim, no que se refere ao estudo da linguagem de modo geral, reafirmamos o que defendeu Bakhtin e Volochinov (2006) sobre o estudo do discurso citado, que o estudo das formas de apropriação do discurso de outrem é importante ao próprio entendimento do diálogo que é base da linguagem. E, mais que isso, se os sujeitos (e o mundo) se constituem em linguagem (que é essencialmente dialógica), o estudo dos modos de apropriação do discurso de outrem é importante à própria compreensão da interação; à compreensão do mundo.

SANTOS, A.; RODRIGUES, S. Journalistic discourse and the supposed impartiality: the modes of appropriation of the discourse of others as indicative of ideological positions. *Alfa*, São Paulo, v.61, n.3, p.525-543, 2017.

- *ABSTRACT: By joining the ongoing discussion of the area of journalism theory about objectivity and subjectivity and by discussing from the place of language, in this paper, we argue that the modes of appropriation of the discourse of Others can be the means to resolve that impasse, because we hypothesize that they show socio-ideological positions of the subject (journalist) in relation to the object of utterance. Thus, based on the conception of language developed by the so-called Bakhtin Circle, we selected some news from the two most widely read newspaper in the state of Pernambuco, namely, Diário de Pernambuco and Jornal do Commercio, related to Eduardo Campos, who was a presidential candidate of Brazil in 2014. The analysis showed that the modes of appropriation of the discourse of Others can be used to produce different effects of sense and, when the appropriation of the discourse of Others occurs, the subject-journalist does not yield place to the other; but rather speaks with him, showing ideological positions through the news.*
- *KEYWORDS: Journalistic discourse. Appropriation of the discourse of Others. Socio-ideological positions.*

## REFERÊNCIAS

ALSINA, M. R. **A construção da notícia**. Tradução de Jacob A. Pierce. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução do italiano de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BAKHTIN, M. O discurso no romance. In: BAKHTIN, M. **Questões de literatura e estética**. São Paulo: Ed. da UNESP, 1998. p. 71-210.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011a. p. 261-306.

BAKHTIN, M. O problema do texto. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011b. p.307-336.

BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

COUTINHO, A. N. L. **A construção da militância editorial**: disputas por hegemonia em discursos de editoriais da mídia impressa nas eleições presidenciais de 2010. 2013. 183 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

DOLEIRO afirma em depoimento que Eduardo Campos teria recebido R\$ 10 milhões em propina. **Jornal do Commercio**, Recife, 03 mar. 2015. Disponível em: <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/politica/pernambuco/noticia/2015/03/03/doleiro-afirma-em-depoimento-que-eduardo-campos-teria-recebido-r-10-milhoes-em-propina-170541.php>>. Acesso em: 29 nov. 2017.

LAGE, N. Conceitos de jornalismo e papéis sociais atribuídos aos jornalistas. **Pauta Geral: Estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa, v.1, n.1, p.23-28, 2014.

MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. São Paulo: Contexto, 2012.

RUBLECKI, A. Teorias do jornalismo: questões exploratórias em tempos pósmassivos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33., 2010, Caxias do Sul. **Anais...** Caxias do Sul: Intercom, 2010. p.1-15.

SOUSA, J. P. Por que as notícias são como são? construindo uma teoria da notícia. **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**, [S.l.], p.01-17, 2002. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-construindo-teoria-da-noticia.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2015.

YOUSSEF afirma que Eduardo Campos recebeu R\$ 10 milhões de propina pagos por empreiteiras. **Diário de Pernambuco**, Recife, 03 mar. 2015. Disponível em: <[http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/politica/2015/03/03/interna\\_politica,563859/youssef-afirma-que-eduardo-campos-recebeu-r-10-milhoes-de-propina-pagos-por-empreiteiras.shtml](http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/politica/2015/03/03/interna_politica,563859/youssef-afirma-que-eduardo-campos-recebeu-r-10-milhoes-de-propina-pagos-por-empreiteiras.shtml)>. Acesso em: 29 nov. 2017.

VOLOCHINOV, V. Que é a linguagem? In: GERALDI, J. W. (Org.). **A construção da enunciação e outros ensaios**. Tradução de João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013a. p. 131-156.

VOLOCHINOV, V. A construção da enunciação. In: GERALDI, J. W. (Org.). **A construção da enunciação e outros ensaios**. Tradução de João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013b. p. 157-188.

Recebido em junho de 2016

Aceito em julho de 2017

